

4. India

Depois de uma grande viagem de avião (19 h), onde não consegui pregar olho, finalmente cheguei a Nova Deli. Eu só queria uma cama para descansar, um sitio para fechar os olhos. As portas do aeroporto estavam apinhadas de gente, todos a oferecerem algo, mas nenhum a oferecer o que eu procurava. Eu estava perdido, não sabia o que fazer, na Europa tudo era tão fácil, organizado e era fácil de entender o que fazer. Aqui era um caos, de braços no ar, gritos e empurrões, parece que toda a gente de Nova Deli estava na porta daquele aeroporto para me tentar enganar.

Nos primeiros dez minutos pensei seriamente em apanhar o avião de volta, e fugir dali. Muito a medo, arranjei um táxi, para que me levasse para um endereço de um hotel barato. O condutor disse que não era possível porque o presidente do país iria passar por ali na manhã seguinte, e que todas as estradas estavam cortadas naquela zona. Eu duvidei muito do que ele me disse, mas eu só queria um sitio para dormir e deixei que ele me levasse para um hotel qualquer..

Na manhã seguinte ainda estava atordoado, a única coisa em que conseguia pensar era sair daquela cidade de loucos.

Fui ao centro de informação a turistas para ver se eles me ajudavam, mas o que encontrei foi um centro de extursão a turistas.

No final comprei uma viagem para Srinagra, eles disseram que ficava nas montanhas, no norte do país, que calma e paz reinavam naquele local, era isso que procurava.

Foram 24 horas de autocarro até chegar a Srinagra, dezenas de paragens nos postos de controlo para que policia e militares fiscalizassem tudo e todos. Durante a viagem conheci uma rapariga Alemã, também ela tinha chegado há muito pouco tempo à Índia. Depois de se sentar ao meu lado no banco do autocarro, as suas primeiras palavras foram.

- Podes ser o meu namorado até esta viagem acabar?

Olhei na direcção de onde ela tinha vindo, e automaticamente compreendi a sua pergunta e o seu olhar de pânico.

- Claro, mas gostaria de saber o teu nome primeiro.....

Também ela ainda não se tinha habituado, ao olhar abismado, provavelmente ela pensaria que seria mais um olhar de tarado, que os Indianos nos lançavam. Talvez pela raridade de turistas naquela zona, os locais não tiravam os olhos de nós.

Mas não era só o olhar que incomodava, eles não se limitavam apenas a dar um olhar inquisidor, eles faziam-no na nossa cara.

Eu passei quatro horas no autocarro, com um homem a olhar para mim, a menos de 20 cm da minha cara.

Quase ao chegar a Srinagra, descobrimos para onde estávamos realmente a ir, era verdade que estávamos no norte do país, que montanhas cobertas de neve nos rodeavam. O que na agência de viagens eles se "esqueceram" de dizer era que estávamos em Kashmir, uma área disputada entre o Paquistão e a Índia. Onde bombas rebentam regularmente e confrontos militares eram noticias diárias nos jornais internacionais.

Havia mais militares nas ruas que vacas, e isso é muito militar, a rapariga Alemã no momento que chegou já estava a comprar um bilhete de ida.

-Eu ouvi muitos avisos para que nenhum turista viesse para esta zona da Índia .- disse ela com uma cara de pânico, no momento que saía do autocarro.

Agora entendia porque tinha sido tão barata esta viagem. Ao sair conheci a pessoa com quem iria passar uma semana, chamavasse Kaur. Viajámos mais de uma hora de jipe e

20 minutos de barco até chegar à sua casa.

O local era verdadeiramente fenomenal, havia 5 lagos enormes ligados por canais, os himalaia rodeavam-nos, com picos cobertos de neve, que chegavam aos 7135 metros de altitude.

A grande maioria dos locais viviam em barcos, que eram por si só verdadeiras obras de arte.

Kaur tinha dois barcos casas, um para viver com a sua familia, o outro para alugar.

Infelizmente, desde do começo das disputas entre a Índia e o Paquistão, o estado de kashmir tinha muito pouco ou nenhum turismo. Os turistas que chegavam eram na maioria pessoas como eu, que não faziam a mínima ideia para onde estavam a ir.

O local era lindo, as pessoas simpáticas, a comida um mimo, contudo a instabilidade na zona era inquestionável. Não podia andar na rua livremente, tinha que levar comigo um guia a todo o momento. No princípio pensei que fosse mais um esquema para deixar mais uns dólares nos bolsos de Kaur. Mas Kaur disse que não tinha de pagar pelo guia, que ele era o responsável pela minha segurança enquanto eu vivesse na sua casa.

Assim, eu e Fida - o guia - tornámo-nos inseparáveis.

Fida tinha apenas 20 anos mas parecia ter muito mais que isso - uns 35 pelo menos - uma vida de trabalho duro, clima agreste com as preocupações de alguém que vive numa zona de conflito, tinham deixado marcas na sua aparência.

Com Fida ao meu lado fomos a templos- hindus e muçulmanos- andámos pelas ruas onde os militares nos lançavam olhares de desconfiança - por detrás de sacos de areia, com metralhadoras às costas-, fomos a casa da sua familia onde passámos momentos memoráveis, bebendo chá e fumando num enorme cachimbo de água.

Mas os momentos que ficaram mais entranhados na minha memória, foram aqueles passados no barco.

Aquelas manhãs frias, quando o gelo derretia dos parapeitos, quando pequenas canoas se entranhavam no labirinto de barcos vendendo mercearias aos locais -chá, arroz, manteiga, vegetais, tabaco, peixe.....-

O chá quente defronte à caldeira olhando os Himalaias.

Eu tinha encontrado a paz que necessitava, tinha posto a minha cabeça em ordem, agora poderia partir.

Depois de descobrir o jipe certo, agora já sem o fida, comecei a viagem até Jamum, com mais nove pessoas.

Com os seus sacos, malas e outros haveres que cobriam não só o tejadilho do carro, mas também o seu interior.

O jipe era de 5 lugares, o que fez com que a viagem fosse dolorosa, em especial em estradas de terra batida com buracos enormes, que mais pareciam que nos iam engolir. Foram oito horas de viagem para fazer 305 km até Jamum.

Daí iria apanhar um comboio até Agra, o que eu não sabia era que apanhar um comboio na Índia, fosse tão difícil.

Depois de passar horas esmagado em filas, tinha conseguido comprar um bilhete. Como sempre comprei o mais barato, mas depressa vim a descobrir a má opção que isso foi.

Centenas de pessoas esperavam pelo comboio, mas eram nas duas últimas carruagens que a concentração de corpos era mais intensa. Mesmo antes de as portas estarem abertas, já havia pessoas a tentarem penetrar nessas duas carruagens. Alguns pelas janelas, outras pelo telhado, era um caos de mãos e braços numa luta desenfreada na tentativa de arranjar um lugar sentado.

O meu bilhete tinha sido barato, mas não me dava direito a mais do que um lugar no comboio, se queria ir naquele comboio tinha de me fazer à vida e "lutar" pelo meu espaço. Quando finalmente consegui entrar - à força de empurrão - o único lugar que vi disponível, era ao lado da casa de banho.

Era apenas um lugar no chão, mas pelo menos podia sentar-me, e como tinha uma das

portas do comboio no meu lado esquerdo, sabia que podia sair dali rapidamente se houvesse um acidente. Meti a mochila no chão e sentei-me sobre ela, era esse todo o espaço que tinha. Logo ao meu lado, ombro a ombro havia outro homem e alguns segundos depois tinha outro aos meus pés.

Soube naquele instante que a viagem até Agra, 19 h oficiais, iria ser algo inesquecível.

As horas foram passando, o cansaço dominava o meu corpo, mas mesmo assim não conseguia dormir. Não só pela má posição em que me encontrava, mas também pelo cheiro nauseabundo que vinha da casa de banho, onde baratas saíam à procura de comida. Além disso o homem que estava aos meus pés, "passeava" com as mãos pelas minhas pernas.

Tinha os olhos fechados e parecia dormir, sabendo como o espaço era tão confinado não dei importância a princípio.

Fechei os olhos para descansar um pouco, mas para minha surpresa quando os abri estava a ser apalpado pelo tal homem que estava à minha frente. Uma onda de raiva explodiu dentro de mim, primeiro o cansaço, depois o espaço confinado, o cheiro nauseabundo e agora um gajo a apalpar-me. Com um grito que varreu a carruagem levantei-me, e comecei a bater naquele gajo, enquanto ele gritava e fugia pelo meio do emaranhado de pessoas que riam à sua passagem. Sendo o único ocidental naquela carruagem - se não, em todo o comboio - todas as atenções foram viradas para mim. Vim a conhecer alguns militares, que tinham conseguido lugares sentados, eles convidaram-me a sentar ao pé deles e aí, falando acerca do mundo, fiz o resto da viagem até Agra .

Eram umas 18 h quando cheguei a Agra. Depois de negociar o preço de uma **troque** **troque**, (pequenas motorizadas de três lugares) e de arranjar um quarto, fui ver o que me trouxe a Agra. Agora já na companhia do motorista da **troque troque** e mais um amigo seu, percorre-mos as ruas de Agra por entre o seu tráfego caótico, de centenas de carros que pareciam ir em todas as direcções. Com as famosas vacas Indianas a desfilarem por entre os carros, camiões, **troque troques**, carroças de madeira puxadas por camelos e ainda outras puxadas por homens levando enormes pilhas de mercadoria. Apesar da poluição e barulho, tudo aquilo era mágico aos meus olhos, a nossa primeira paragem foi num bairro de lata, por detrás do Taj Mahal. Entre o bairro de lata e o Taj Mahal havia um rio, eram apenas umas dezenas de metros de distância, mas no entanto eram um mundo a parte. À beira do rio, mulheres lavavam roupa, enquanto as suas crianças brincavam nas águas. Do outro lado uma família levava a cabo a cremação do corpo dum familiar. Infelizmente para muitas dessas famílias o preço da madeira é insustentável e as cremações que deveriam levar cerca de 3 dias são cortadas dependendo do dinheiro que a família tenha. Muitos corpos são levados pelas águas sem que estejam correctamente cremados. Do outro lado do rio, imponente, com a sua estrutura de mármore, pedras preciosas e semipreciosas estava um dos edifícios mais fotografados do mundo.

Um monumento ao amor. Daquele local onde estávamos, tínhamos uma visão perfeita da parte detrás do edifício. Enquanto o sol se desvanecia as cores do Taj Mahal mudavam como num truque de magia. Ali sentado à beira do rio, fui absorvendo tudo o que a Índia tem para dar. Os homens da **troque** **troque**, eram uns gajos simpáticos, e eu tinha vontade de falar com alguém. Depois de alguns pedidos discretos para que comprasse algumas bebidas decidi fazer-lhes a vontade. Mais tarde apercebi-me que estavam a tentar ver se me punham bêbado, talvez para tentar tirar-me algum dinheiro mas depois de duas garrafas de rum, eles aperceberam-se que isso seria difícil. O seu estado de alcoolemia já era demasiado avançado, para fazer fosse o que fosse, até para voltar para a **troque troque** tive de ajudar. Vendo o seu estado, decidi ser eu mesmo a guiar a **troque troque** de volta ao quarto, o que foi uma aventura do princípio ao fim.

Logo cedo pela manhã fui para o Taj Mahal realmente dito, queria lá estar ao nascer do sol para ver todo o seu esplendor, tirar aquela famosa fotografia do Taj Mahal, no reflexo das águas. As cores do edifício mudavam, como por magia, com a subida do sol. E toda a

sua glória revelada aos meus olhos. Passei horas a deliciar-me a ver a sua arquitectura, com milhares de pedras, algumas semipreciosas outras preciosas, a decorarem os desenhos que descreviam histórias de outros tempos.

Também passei algum tempo a admirar o forte vermelho, que está do lado oposto do Taj Mahal. Foi aí, num quarto, com uma janela virada para o Taj Mahal, que morreu o homem que mandou contruir o Taj Mahal. Encarcerado pelo seu próprio filho

Comprei o bilhete para Varanassi, agora já com confiança em mim mesmo. Fiquei alojado num pequeno quarto no terceiro andar dum velho hotel, a janela do quarto ficava voltada para um pequeno pátio fechado, onde pelas manhãs a empregada juntava esterco de vaca. Que mais tarde seria utilizado para alimentar o fogo, com que as refeições seriam cozinhadas.

Varanassi teve um grande impacto em mim, mais do que todos os outros sítios que tinha estado na Índia. Em cada esquina havia um templo, e em cada templo havia crentes oferecendo oferendas aos deuses. Flores, comida e incenso eram as oferendas mais comuns. Varanassi é uma das sete cidades sagradas para os Hindus, e o Ganges é o epicentro dessa devoção. Nas suas águas os crentes banhavam-se, porque acreditam que têm propriedades curativas, senão mesmo milagrosas. E era nas suas margens que muitos escolhiam ser cremados e mais tarde as suas cinzas seriam lançadas às águas. Homens de corpos pintados com longos cabelos percorriam as margens, dando a benção e uma pinta no centro da testa em troca de algum dinheiro. Alguns deles com enormes lanças de três bicos e outros objectos, com as caras pintadas de vermelho e branco, que lhes davam um ar espiritual como também diabólico.

Num dos dias que passei em Varanassi decidi fazer uma viagem de canoa ao longo do rio, onde se pode ver em detalhe os templos que adornam as suas margens. A cremação dos corpos que aos meus olhos tinha um grande fascínio, mas por respeito às famílias, não queria estar com a câmara na mão, a perturbar num momento de tanta dor. Assim o barco era o transporte perfeito, podia ver e apreciar a vida dos locais.

As águas do Ganges são sujas, com esgotos a céu aberto a serem lançados ao seu caudal, com corpos semidesfeitos de vacas, porcos e mesmo restos humanos a boiarem nas suas águas, com corvos a debicarem os seus restos. Mas isso não impede, que todos os dias centenas, se não mesmo milhares de pessoas, venham às suas margens para lavar a roupa, tomar banho ou apenas benzer-se. Foi também em Varanassi que tive pela primeira vez um contacto mais directo com a religião hindu, passei inúmeras horas dentro de templos. Não só para apreciar a sua arquitectura, mas mais para entender aquela complexa religião. Onde deuses, semideuses e muitos animais são adorados e venerados. Era comum encontrar animais dentro dos templos, como macacos, vacas e há mesmo sítios na Índia onde ratos são venerados, andando sobre os crentes enquanto eles rezam. Mas Varanassi não tinha apenas templos Hindus, havia também templos budistas, mesquitas e igrejas. Foi aqui que Madre Teresa de Calcutá passou grande da sua vida ajudando os mais pobres.

Foi numa das muitas agências de viagens que operam em Varanassi que comprei o bilhete de camioneta para o Nepal.

Saí pela manhã cedo - com os atrasos do costume- mas tudo correu bem, apesar das dez horas de viagem. Havia poucas pessoas dentro da camioneta, podia saltar de janela para janela, de um lado para o outro, para ver a enorme beleza que se deparava aos meus olhos. Era como ver um daqueles filmes do Vietname, passamos por enormes lagos, montanhas, e vales que pareciam não terem fim. Mulheres com roupas da cor do arco-íris, passavam com vasilhas de água sobre a cabeça, enquanto crianças corriam por dentro dos campos de mostarda ao seu redor.

Já era de noite quando chegámos à fronteira, passei aquela noite ali. Na camioneta tinha conhecido gente interessante, a sua companhia fazia com que a dor do meu peito fosse apaziguada, e por breves instantes esquecida. Desde o primeiro dia, que tinha escrito um diário, era mais do que um diário de viagem. Era o elo de ligação entre mim e a pessoa que amava, era onde eu passava em forma física toda a dor que vivia dentro de mim. Sim, eu estava feliz por realizar o meu sonho de viajar, sentia uma alegria inexplicável quando viajava. O desejo de ver o mundo com olhos de criança sábia tinha brotado em mim, não queria ver o mundo com a maldade e falsidade de uma sociedade dominada, senão mesmo telecomandada por costumes, religiões, crenças, e leis hipócritas. Eu queria ser livre como o vento, e como ele, chegar e partir, quando a hora chegasse. Quando viajava o meu coração estava limpo de mágoa, já não temia o desconhecido, por outro lado, fascinava-me a sensação de não saber onde iria dormir na próxima noite.

Mas outra parte de mim chorava, por não ter a mulher que amava ao meu lado. O meu maior desejo, o sonho da minha vida, era ser feliz. Nada mais. Eu só queria acordar todos os dias com o coração cheio de alegria, não interessava se debaixo da ponte ou num castelo. Mas a verdade era que, mesmo ali, vivendo o meu grande sonho, eu não era totalmente feliz.